

## O vitalismo crítico de Georges Canguilhem

### *The critical vitalism of Georges Canguilhem*

#### Resumo

*A tese defendida neste artigo é a de que a filosofia que Georges Canguilhem passa a desenvolver durante a década de 1940, sobretudo depois da publicação de sua tese em medicina O normal e o patológico, pode ser denominada como um vitalismo crítico. Propomos rastrear algumas das referências utilizadas por Canguilhem na formulação dessa filosofia, bem como afastar algumas leituras que o aproximariam da fenomenologia e do existencialismo, visando demonstrar que uma de suas principais preocupações era a de reformular o estatuto filosófico do homem para além de toda forma de humanismo.*

**Palavras-chave:** Canguilhem; vitalismo crítico; Kant; filosofia francesa contemporânea.

#### Abstract

*The thesis defended in this article is that the philosophy that Georges Canguilhem started to develop during the 1940s, with the publication of his thesis in medicine The normal and the pathological, can be called a critical vitalism. We propose to trace some of the references used by Canguilhem in the formulation of this philosophy, as well as to exclude some readings that would bring him closer to phenomenology and existentialism, aiming to demonstrate that one of his main concerns was to reformulate the philosophical status of man beyond all forms of humanism.*

**Keywords:** Canguilhem; critical vitalism; Kant; contemporary French philosophy.

\* Instituto Federal do Amazonas (IFAM). Contato: [caiosouto@gmail.com](mailto:caiosouto@gmail.com)

Recebido em: 27/02/2020 - Aceito em: 30/05/202

Todo conhecimento tem origem  
na reflexão sobre um insucesso da vida.  
*Georges Canguilhem (1984 [1943], p. 150).*

## Introdução

A partir da década de 1940, Georges Canguilhem passará a reunir em torno de seu nome quase todos os atributos pelos quais é hoje conhecido: além dos de professor, escritor e filósofo, também os de médico, historiador das ciências e resistente. Desde 1936, já havia iniciado seus estudos em medicina<sup>1</sup>. Após a Ocupação alemã em 1940, intensificará sua atuação no combate armado pela Resistência Francesa, ali exercendo, entre outras atividades, justamente a profissão de médico. Em 1943, defenderá sua tese em medicina intitulada *Essai sur quelques problèmes concernant le normal et le pathologique*<sup>2</sup>, até hoje sua obra mais conhecida. Em 1952, defenderá sua tese complementar em filosofia – *La connaissance de la vie* –, uma coletânea de ensaios publicados durante a década anterior, em que analisa diversos temas concernentes à sua filosofia biológica. É também a esse volume que colige seu primeiro estudo em história das ciências: “La théorie cellulaire”. E em 1955, defenderá sua tese principal em filosofia com um estudo histórico de maior fôlego: *La formation du concept de réflexe au XVIIe et au XVIIIe siècles*. Foi neste mesmo ano, também, que Canguilhem sucedeu a Bachelard, o orientador desta tese, na direção do *Institut d’histoire et de philosophie des sciences et des techniques*<sup>3</sup>.

Em todos esses estudos, Canguilhem dará continuidade à filosofia dos valores que desenvolvera desde meados da década de 1920, porém provocando-lhe uma sensível mutação a partir de uma inflexão sobre o domínio biológico

---

1 Para um resumo biográfico desse período da carreira de Canguilhem, ver sobretudo: BIANCO, Giuseppe (2012).

2 Doravante *Essai*.

3 Fundado em 28 de janeiro de 1932, pela Universidade de Paris, o hoje denominado *Institut d’histoire et philosophie des sciences* foi dirigido, sucessivamente, por: Abel Rey (1932-1940), Gaston Bachelard (1940-1955), Georges Canguilhem (1955-1971), Suzanne Bachelard (1971-1984), Jacques Bouveresse (1984-1987), François Dagognet (1987-1992), Jean Pierre Sérís (1992-1994), Anne Fagot-Largeault (1994-2001), Jacques Dubucs (2001-2010) e Jean Gayon (2010-2018). Tradicionalmente um reduto do chamado *estilo francês* em história das ciências, a partir da década de 1970 passou a dedicar-se à lógica e, mais recentemente, à filosofia das ciências. Sobre a sua história, ver: BRAUNSTEIN, J.-F. [2014] “Abel Rey et les débuts de l’Institut d’histoire des sciences et des techniques (1932-1940)”.

e médico<sup>4</sup>. A filosofia que formulará durante as décadas de 1940-1950, que continua a ser um pluralismo axiológico, será sobretudo uma reflexão sobre a saúde (tese de 1943) e sobre a possibilidade de um conhecimento científico da vida (tese de 1952), passando a empregar ferramentas conceituais à epistemologia histórica bachelardiana (tese de 1955). Tudo isso exigirá uma grande investida epistemológica que resultará num peculiar vitalismo<sup>5</sup> cujas características não são dedutíveis da filosofia de seus antecessores, nem mesmo da filosofia axiológica que ele mesmo já havia formulado nos anos anteriores.

### Ontologia ou axiologia do vivente?

Ao que parece, o questionamento central do *Essai*, sobre se são possíveis ciências do normal e do patológico, possui uma inspiração kantiana<sup>6</sup>. A essa questão, como sabemos, Canguilhem responderá negativamente<sup>7</sup>: apenas são possíveis as ciências da vida (como a fisiologia), restando a uma instância autônoma (a epistemologia) a tarefa de avaliar reflexivamente os resultados de tais ciências, e a uma técnica (a medicina) igualmente irredutível ao conhecimento teórico, e que lhe é precedente, impor sua normatividade espontânea como condição tanto da ciência quanto da ação. Mas não cabe a tais ciências da vida um juízo específico sobre a diferença entre o estado normal

---

4 Quanto ao período das décadas de 1920-1930, ver sobretudo: ROTH, Xavier (2010).

5 A corrente vitalista, em filosofia, associou-se inicialmente à Escola de Montpellier (Bordeu, Barthez, Blainville) que, com as diferenças concernentes a cada autor, defendia de um modo geral uma concepção vitalista do organismo, como alternativa ao animismo e ao mecanicismo. Para uma compreensão a respeito da peculiar leitura e apropriação que Canguilhem faz do vitalismo em sua própria filosofia, ver “Aspects du vitalisme” (CANGUILHEM, 2009 [1946]).

6 Já foi bastante discutida a relação entre Canguilhem e o neokantismo da assim chamada “Escola da atividade” (Alain, Lagneau, Boutroux), que propunha – em linhas muito gerais – uma coordenação entre as duas primeiras *Criticas* kantianas. Inspirados pela filosofia axiológica da “Escola de Baden” (Windelband, Rickert), tais autores buscavam estabelecer as condições de possibilidade da unidade da experiência em termos não apenas epistemológicos, mas sobretudo morais. A título de exemplo, Francisco Vázquez García comenta esse tema dizendo: “Trata-se, pois, de uma leitura que insere um giro moral no núcleo mesmo da analítica transcendental, fundindo o conteúdo das duas primeiras críticas, assimilando o entendimento e a atividade judicativa à ação da vontade e à afirmação da dignidade humana, por sobre o dado e os meros fatos” (VÁZQUEZ GARCÍA, 2015, p. 6).

7 Na conclusão do *Essai*, dizia o autor: “O conceito de norma é um conceito original que não pode ser reduzido — e menos ainda, em fisiologia — a um conceito objetivamente determinável por métodos científicos. Portanto, na verdade, não há uma ciência biológica do normal. Há uma ciência das situações e das condições biológicas consideradas normais. Essa ciência é a fisiologia.” (CANGUILHEM, 1984 [1943], p. 156).

e o estado patológico: trata-se, este, de um juízo ou de um conceito vulgar, isto é, pré-científico ou mesmo pré-filosófico<sup>8</sup>. A resposta a esse questionamento exige, como se pode reconhecer, algo como uma reformulação de todo o empreendimento das três *Críticas* de Kant. Mas, para além do neokantismo dos autores que inspiraram Canguilhem inicialmente (sobretudo Alain, seu primeiro mestre), a introdução do *homem* como uma *aventura da vida* no lugar da figura do *sujeito transcendental*<sup>9</sup> imporá uma especificação sobre as condições de possibilidade das ciências da vida, que têm como correlato uma técnica igualmente específica, a medicina: “A medicina nos pareceria, e nos parece ainda”, afirma Canguilhem, “uma técnica ou arte situada na confluência de várias ciências, mais do que uma ciência propriamente dita” (CANGUILHEM, 1984 [1943], p. 7); complementando em seguida: “técnica de instauração e de restauração do normal” (CANGUILHEM, 1984 [1943], p. 8). Para além disso, não sendo o verbo viver privativo do sujeito humano, haverá que se ampliar essa faculdade normativa aos demais viventes. Além disso, Canguilhem também irá recusar a filosofia da natureza em que Kant baseou sua filosofia na *Terceira Crítica*, bem como a teleologia que ela sustenta. Tudo isso exigirá uma reconfiguração do aparato conceitual kantiano que será irreconciliável com a solução metafísica por ele oferecida<sup>10</sup>.

É que, na *Terceira Crítica*, se Kant busca conceituar o juízo teleológico na tentativa de pensar a unificação dos resultados das duas *Críticas* anteriores, ele acaba – segundo a leitura de Canguilhem – por introduzir sub-repticiamente em sua filosofia uma compreensão da *phýsis* colhida aos modelos físico-matemáticos de sua época, a que seria axiomatizada pela 1ª lei da termodinâmica:

---

8 Ver, quanto a isso, também, o texto: “La santé: concept vulgaire et question philosophique” (CANGUILHEM, 2002 [1988]).

9 Numa obra coletiva, o autor dirá que a vida se perfaz num “devir no curso do qual o homem se cria imprevisivelmente como uma aventura” (CANGUILHEM *et al.*, 2003 [1962], p. 22).

10 O “remanejamento” conceitual operado por Kant na *Terceira Crítica* foi examinado, num sentido próximo ao encontrado em Canguilhem, mas com grande originalidade e riqueza em minúcias, por seu orientando Gérard Lebrun, na tese *Kant e o fim da metafísica*. Talvez a seguinte citação resuma o principal argumento aqui defendido a esse respeito: “Foi dito que a revolução copernicana em fisiologia do movimento tinha consistido em renunciar ao dogma de que ‘um único princípio de comando e de controle de todos os movimentos devia dominar e subordinar a si todo o organismo’: nesse sentido, a compreensão kantiana do organismo como totalidade unificada permanece pré-copernicana; ela não dissipa a aparência transcendental de que falava o Apêndice [da *Crítica da razão pura*], pois sem cessar ela faz renascer a ideia de que um engenheiro poderia deter o segredo de fabricação e de que a vida é a decodificação defeituosa de uma mensagem em si muito simples” (LEBRUN, 2002 [1970], p. 358).

o princípio de conservação de energia. “Se Kant acreditou poder abstrair dos produtos das ciências da época um quadro, que julgava definitivo, dos modelos e das regras de produção de conhecimentos, isso também é um fato cultural próprio da sua época” (CANGUILHEM, 1977, p. 20). Isso comprometeria também sua filosofia da história, que culminaria numa concepção estática do progresso para a qual não há, de fato, mudanças qualitativas na história<sup>11</sup>. É por isso que a “filosofia da natureza” encontrada na *Crítica do juízo* de Kant deve ser reformulada<sup>12</sup>. Em seu lugar, Canguilhem introduzirá um conceito novo em sua própria filosofia: o de *vivente*. É que o vivente, desde quando se lhe reconhece a irredutibilidade perante os modelos físico-químicos, não pode ser identificado a uma natureza compreendida segundo tais modelos. E é neste ponto que consiste, talvez, a maior dificuldade desse vitalismo próprio a Canguilhem, residindo aí também toda a sua originalidade. Pois sendo esse *vivente* em si mesmo irredutível ao conhecimento objetivo (herança da 1ª *Crítica*), como conciliar sua “originalidade normativa” (herança do conceito de autonomia 2ª *Crítica*) com a origem da “técnica” por meio da qual essa normatividade se concretiza? Haverá solução ontológica na obra de Canguilhem?

Os comentadores de Canguilhem não responderam de forma unívoca a esse questionamento, e reabri-lo nos conduz ao problema central do *Essai*. François Dagognet, autor de consistente obra epistemológica no campo das ciências da vida, que o próprio Canguilhem (seu orientador de doutorado) teve o cuidado de resenhar em mais de uma ocasião, defende haver uma redução fenomenológica do vivente no *Essai*. Para Dagognet, Canguilhem é um filósofo em busca do “fundamento da vitalidade” (DAGOGNET, 1997, p. 59), e teria encontrado esse *fundamento* na “normatividade vital”, um poder próprio à natureza em estabelecer normas em relação a um dado meio. Dagognet inicia seu comentário dizendo que “Canguilhem se dedicará”, no *Essai*, “a uma reflexão tipicamente fenomenológica, elevando-se à questão central que, em princípio, funda esse complexo [...] mas que foi esquecido – a própria natureza da saúde e da doença” (DAGOGNET, 1997, 13-14). Assim, ainda segundo Dagognet, a obra de Canguilhem, desde o início (e seu comentário se inicia pela análise do *Essai*, negligenciando as obras anteriores), e a

---

11 O termo utilizado por Kant é *Ideia*, como no opúsculo *A ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*.

12 “Não há nada pior em filosofia”, dirá Canguilhem um dia, “do que a ideia de ‘natureza’” (CANGUILHEM, 2018 [1967], p. 116).

despeito das pesquisas genealógicas que logo começaria a fazer em relação a conceitos específicos da história das ciências da vida, poderia ser unificada em torno de um mesmo e único questionamento fundamental<sup>13</sup>.

Ora, de fato os questionamentos efetuados por Canguilhem se assemelham àqueles realizados pela fenomenologia, mas não podemos negligenciar as suas diferenças. Vejamos o caso de Merleau-Ponty, que em 1942 publicava *La structure du comportement*, estudo que Canguilhem leu e chegou a reconhecer-lhe o mérito em contribuir para a divulgação do pensamento do fisiologista vinculado à *Gestalt-terapia* Kurt Goldstein, que exercerá um papel fundamental também sobre sua obra. Para Merleau-Ponty, o organismo será igualmente definido como norma que possui uma atividade intrínseca, em virtude da qual poderá modificar seu meio. E seu intento será buscar conduzir tal normatividade para aquém das determinações científicas, tentando encontrar o valor e o sentido biológicos na imposição pelo organismo de sua normatividade. Até aqui, Merleau-Ponty está muito próximo de Canguilhem, e as aproximações poderiam prosseguir se compreendemos como semelhantes suas respectivas concepções de vida, não como substância, mas como ordem originária de significação<sup>14</sup>. Tudo se modifica, no entanto, com a passagem para o terceiro capítulo da obra de Merleau-Ponty, onde ele propõe definir a originalidade da ordem humana perante as ordens física e vital: “É preciso em realidade compreender a matéria, a vida e o espírito como três ordens de significações” (MERLEAU-PONTY, 1967 [1942], p. 147). Aqui, à completa diferença de Canguilhem, Merleau-Ponty suprime a autonomia do vital na ordem humana, instituindo assim um posicionamento transcendental como única dimensão possível de realizar juízos *de direito* verdadeiros. Trata-se da oposição entre *quid iuris* e *quid factis*, através da qual Merleau-Ponty suspende a originalidade vital (*quid factis*) organizando-a segundo a

---

13 O mesmo argumento já era desenvolvido numa comunicação anterior de Dagognet (1990).

14 Quanto a este ponto em Merleau-Ponty, ver o capítulo “Originalité des formes vitales à l’égard des systèmes physiques : l’organisme et son milieu comme termes d’une dialectique nouvelle”, de *La structure du comportement*. Quanto a Canguilhem, a seguinte citação é suficiente para corroborar sua postulação a respeito da originalidade da normatividade vital: “Parece-nos que a fisiologia tem mais a fazer do que procurar definir objetivamente o normal: deve reconhecer a normatividade original da vida” (CANGUILHEM, 1984 [1943] p. 116). Entre nós, ver a tese defendida por Silvana de Souza Ramos sobre Merleau-Ponty na qual se discute, sobretudo no primeiro capítulo, tais relações para com Canguilhem (RAMOS, 2013).

ordem do *vivido* (*quid iuris*)<sup>15</sup>, assemelhada a uma consciência que, na sua obra seguinte *Phénoménologie de la perception* (1945), será então identificada ao corpo como consciência encarnada.

Por sua vez, a filosofia de Canguilhem estabelecerá de saída uma inversão entre a ordem do *vivente* e a do *vivido*: “Por vida”, dirá ele em 1966, “pode-se entender o participípio presente ou o participípio passado do verbo viver, o *vivente* e o *vivido*. A segunda acepção é, a meu ver, comandada pela primeira, que é mais fundamental” (CANGUILHEM, 2002 [1966], p. 335). Toda a diferença na compreensão da vida por Canguilhem e pela fenomenologia poderia ser resumida nessa frase. Concedamos a Dagognet, todavia, que talvez Canguilhem pudesse ter desenvolvido, diferentemente de Merleau-Ponty, uma verdadeira fenomenologia do vital, onde a ordem humana jamais assumiria o primado, e o *vivente* pudesse tomar o lugar do *vivido*<sup>16</sup>. Neste caso, o *arrière-monde* ontológico persistiria, e seria necessário reencontrar a unidade de um fundo essencial e doador de sentido, e assim se reduziria a originalidade do *vivente* como emanando desse fundo<sup>17</sup>.

Vejam, contudo, visitando os textos de Canguilhem do início da década de 1940, como na verdade o *Essai* conserva uma problemática que já caracterizava sua filosofia axiológica de juventude, ainda que os faça reformular o seu sentido. Canguilhem iniciava o curso “Les normes et le normal” (1942-1943)<sup>18</sup> com uma indagação a respeito dos valores, dizendo que perguntar pelo que é um valor já implicaria assumir uma predisposição ontológica. Quanto aos valores, diversamente, só caberia perguntar, não o que eles *são*, mas o que eles *valem*. Ora, sendo a vida um valor e não um fato, uma pergunta sobre *o que é a vida* se tornaria moralmente nula. Nesse curso, Canguilhem recupera diversos

---

15 Quanto a isso, ver sobretudo: BIMBENET (2004 e 2011).

16 Noutra ocasião, Canguilhem resumirá a filosofia de Merleau-Ponty com uma frase de Lewis Carroll: “A fenomenologia do corpo próprio, segundo Schilder, não mais que segundo Merleau-Ponty ulteriormente, não consegue superar o paradoxo da consciência de si como corpo no espaço, paradoxo tão sutilmente percebido por Lewis Carroll quando ele faz Alice dizer, diante do terreiro do coelho: ‘Eu gostaria de poder entrar em mim mesma como um telescópio’” (CANGUILHEM, 2002 [1978], p. 408).

17 Pensamos ser esses os resultados de um pensamento como o de Rénaud Barbaras (2008).

18 Referente ao curso “Les normes et le normal” (1942-1943), proferido na época em que preparava a redação do *Essai*, onde há várias referências à *Wertphilosophie*, bem como uma análise aprofundada da definição de “valor”, ver a seguinte monografia, que acompanhamos quanto às citações desse curso: DIEZ (2013, p. 26-42).

autores da fenomenologia, mostrando o quanto são devedores do que ele denomina a “tradição ontológica” que, desde Platão, dedica-se a restabelecer as essências contidas por trás do mundo, da natureza e do conhecimento. E Canguilhem censura a essa tradição sua falta de sentido histórico. Ora, a posição fenomenológica continuaria a não reconhecer suficientemente bem a diferença entre *fato* e *valor*, pois ao buscar através da redução eidética encontrar um ponto originário e apriorístico de atribuição dos valores, ela os desproveria, assim, de sua condição relacional: “a fenomenologia”, diz ele, “permanece uma ontologia, mesmo sobre o terreno da axiologia” (CANGUILHEM *apud* DIEZ, 2013, p. 31). Com efeito, como observa Camille Limoges, no memorial de sustentação de sua tese principal em filosofia sobre o conceito de reflexo, de 1955, o próprio Canguilhem dirá que “nessa filosofia da vida, o problema se revela não ‘ontológico’, mas ‘crítico’” (CANGUILHEM, 2018 [1955], p. 24n); do que Limoges conclui: “Se há um vitalismo em Canguilhem, em todo caso não é um vitalismo substancial, ontológico. [...] trata-se de um *vitalismo crítico*...” (LIMOGES, 2018, p. 25-26), sendo a crítica (num certo sentido herdado de Kant) a tarefa específica da filosofia.

Não sendo sua preocupação principal de ordem ontológica, como compreender o sentido do *Essai*? Ora, se em 1943 ele ainda não praticava efetivamente uma epistemologia histórica, há ao menos uma indagação de fundo histórico que já é anunciada nessa obra, e que na verdade também restitui, noutros termos, uma ideia já exposta numa resenha de 1929 do livro *Orientation des idées médicales*, do médico René Allendy (CANGUILHEM, 2011 [1929], p. 248-251), em que Canguilhem se perguntava sobre a diferença de valor entre duas concepções de medicina: uma medicina das doenças, que Allendy combatia; e uma medicina dos doentes, à qual ele aderiria. Ora, em 1943 sua tese em medicina retoma essa distinção, opondo agora duas concepções de doença: uma *ontológica* e outra *dinâmica*. Quanto à primeira, no entanto, ele anuncia: “É, sem dúvida, à necessidade terapêutica que se deve atribuir a iniciativa de qualquer teoria ontológica da doença” (CANGUILHEM, 1984 [1943], p. 11). Ainda no caso da teoria ontológica da doença – teoria que desaparecerá com Broussais para dar lugar a outra segundo a qual a doença é endógena aos processos vitais, esta que se seguirá em Bichat, na Escola de Montpellier até chegar a Comte, Claude Bernard e René Leriche<sup>19</sup> –,

---

19 A originalidade do pensamento do fisiólogo René Leriche (1879-1955), segundo Canguilhem, estaria em reverter a relação entre ciência e técnica, com o que nosso autor está plenamente de acordo. Assim, Leriche teria invertido o ponto de partida das ciências médicas deslocando-o da fisiologia (como ocorria em Comte e Bernard) para a patologia. No entanto, apesar de deslo-

é sempre uma necessidade [*besoin*] que está a condicionar a compreensão da doença. E sabemos que a filosofia de Canguilhem admite que a necessidade [*besoin*], em sentido biológico, é um juízo de valor que o vivente estabelece com relação ao seu meio: o que distingue o alimento (necessário ao vivente) do excremento é um *juízo* do vivente.

E depois de estabelecer essa distinção entre duas concepções de doença, Canguilhem assinala o que elas guardam de comum: “[ambas] encaram a doença, ou melhor, a experiência de estar doente, como uma situação polêmica<sup>20</sup>” (CANGUILHEM, 1984 [1943], p. 13). Dagognet quis encontrar nesse *algo em comum* justamente a postulação de um mesmo e único *fundo essencial* a respeito das duas concepções de medicina que se acabava de distinguir, por trás da qual se buscaria revelar a expressão desse *arrière-monde* que certo método fenomenológico estaria em vias de explorar através de uma redução à essência do vital; e essa essência Canguilhem a teria definido com seu conceito de *polêmica*. Todavia, o que Canguilhem fará em seguida é demonstrar como essas duas concepções de doença, às quais ele acrescenta ainda uma terceira que denomina como “naturista”<sup>21</sup>, na verdade foram todas elas *historicamente* suplantadas. E tudo o que se seguirá na primeira parte do livro é para mostrar como e sob que condições pôde triunfar uma teoria que difere inteiramente dessas três anteriores, as quais ele mostrou estarem hoje desacreditadas. Por isso, embora o *Essai* ainda não seja a rigor um estudo em epistemologia histórica, ele já insere o problema que irá discutir numa perspectiva, não ontológica,

---

car seu ponto de partida, os resultados de Leriche terminam por se aproximar dos de Comte e Bernard, já que continuaria a considerar o patológico como desvio do estado fisiológico normal. Indo além dessa inversão sobre o predomínio da técnica sobre a ciência, Canguilhem também elogiará o autor da *La philosophie de la chirurgie* (1951) por sua concepção desumanizada da doença: “Na doença, o que há de menos importante, no fundo, é o homem” (LERICHE, *apud* CANGUILHEM, 2015 [1956], p. 721).

20 O termo *polêmica* resume, aqui, duas ideias correlatas: a primeira, que será melhor desenvolvida na seção seguinte deste artigo, é a de que a normatividade vital é uma superação de obstáculos patológicos, isto é, de doenças que restringem as capacidades de criação de novas normas. A segundo é a de que essa normatividade estabelece relações inextricáveis com o meio [*milieu*]. Quanto a esta segunda acepção, Canguilhem também se servia do termo alemão *Auseinandersetzung* para designá-la: “A vida não é, portanto, para o ser vivo, uma dedução monótona, um movimento retilíneo; ela ignora a rigidez geométrica, ela é debate ou explicação (o que Goldstein chama de *Auseinandersetzung*) com um meio em que há fugas, vazios, esquivamentos e resistências inesperadas” (CANGUILHEM, 1984 [1943], p. 131).

21 Aquela segundo a qual a própria natureza encontraria, por si mesma, os meios para a cura (Cf. CANGUILHEM, 1984 [1943], p. 13).

mas histórico-crítica<sup>22</sup>. Nesse sentido, acreditamos que a assimilação da filosofia axiológica de Canguilhem à fenomenologia – seja mesmo a uma fenomenologia da vida, ou do vivente – perde de vista esse aporte histórico e crítico.

### O erro: um “valor negativo”

Para tornar inteligível essa *polêmica* própria ao vivente, Canguilhem introduz em sua filosofia axiológica o conceito de “valor negativo”. Uma patologia, por exemplo, será compreendida da perspectiva do vivente como um valor negativo, assim como uma monstruosidade, como ele afirmará num ensaio posterior: “O monstro é o vivente de valor negativo” (CANGUILHEM, 2009 [1965], p. 172). Como relata Camille Limoges, a herança desse conceito veio através da *Wertphilosophie*: de Rickert, Lagneau e Reininger<sup>23</sup>. Dessa relação entre valores positivos e negativos, que não constitui uma contradição, mas uma polarização, é que resultará a *normatividade do vivente*, impulsionada por certas *necessidades [besoins]*. Na raiz dessas *necessidades [besoins]* está um conflito entre o vivente e as exigências do meio, “de modo que finalmente”, como dirá Canguilhem em material inédito sobre o qual se debruçou C. Limoges, “uma necessidade é uma norma de solução desse conflito. A necessidade é inseparável do instinto no animal ou da técnica no homem, quer dizer, do modo de atividade pelo qual a matéria da existência está ligada à forma da exigência, ou os meios ao fim” (CANGUILHEM *apud* LIMOGES, 2018, p. 36). As leituras que Canguilhem fará de Bachelard, posteriormente, apenas virão confirmar as teses epistemológicas que vinha desenvolvido por sua própria conta, como se nota das três citações a seguir colhidas em três momentos diferentes, a primeira sendo de 1965, a segunda de 1966 e a terceira de 1987.

---

22 Outro comentador que elabora uma leitura análoga a essa, priorizando o aporte histórico crítico do *Essai* é: SÉRIS, Jean-Pierre [1990] “L’histoire et la vie”.

23 “Simplificando, poderíamos dizer que, de Rickert, o que ele retém acima de tudo é um traço da diferença entre existência e valor: se não pode existir existência negativa, existem bem valores negativos [*System der Philosophie*, Tübingen, Mohr, 1921, tome I, p. 117 *sq.*]. Que o valor não seja da ordem do existir, isso é em Canguilhem uma convicção antiga, retomada notadamente de Jules Lagneau; o que é novo nele é seu recurso ao conceito de valor negativo. ‘Todo avaliar confirma uma contrariedade’, cada ato de valorização é indissociável de uma polaridade própria. De Reininger, Canguilhem citará frequentemente em seus cursos o enunciado que ele retomará também no *Essai* de 1943: ‘Unser Weltbild ist immer zugleich ein Wertbild’. Numa aula intitulada ‘La Biologie’, onde as ‘tendências’ são apresentadas como ‘pesquisas [polarizadas] de valores’, ele afirmará: ‘Viver é valorizar: quer dizer, escolher, preferir e excluir. A necessidade e a defesa são juízos de valor. O alimento e o excremento são valores’” (LIMOGES, 2015, p. 35).

*Quando se aborda a filosofia dos valores pelo viés dos valores negativos, não há dificuldade em se dizer, com Gaston Bachelard, que o verdadeiro é o limite das ilusões perdidas (CANGUILHEM, 2009 [1965], p. 173).*

*O normal não é um conceito estático ou pacífico, mas um conceito dinâmico e polêmico. G. Bachelard, que se interessou bastante pelos valores sob sua forma cósmica ou popular, e pela valorização segundo os eixos da imaginação, bem percebeu que todo valor deve ser ganho contra um anti-valor (CANGUILHEM, 1984 [1966], p. 176-177).*

*Não posso deixar de dizer que o homem, ainda desconhecido para mim e a quem eu tanto iria dever em seguida, Gaston Bachelard, pelo papel que já em 1938 ele atribuía aos “obstáculos epistemológicos” na formação do espírito científico, me parecia uma cautela de meu interesse pelos valores negativos no estudo dos valores de um poder (CANGUILHEM, 2018 [1987], p. 1109).*

Outra leitura que reforça essa concepção axiológica (portanto não-ontológica) do vitalismo de Canguilhem é aquela de Pierre Macherey, que afirma: “Ao longo de todo o seu percurso intelectual, Canguilhem lutou contra um adversário que é, pode-se dizer, o ontologismo” (MACHEREY, 2016). Macherey, autor da obra *Hegel ou Spinoza* (1979)<sup>24</sup>, na qual se defende uma recuperação de Spinoza que forneça elementos para uma dialética “não”-hegeliana, lembra que Canguilhem dirigiu a tradução, por um de seus alunos, do *Ensaio para introduzir em filosofia o conceito de grandeza negativa*, em que Kant escrevia, em comentário à física newtoniana: “as grandezas negativas não são negações de grandezas [...] mas, ao contrário, alguma coisa de verdadeiramente positivo em si, que é simplesmente oposto à outra grandeza positiva” (KANT, 1949 [1763])<sup>25</sup>. Ora, seria justamente nessa oposição positiva entre

---

24 Além desse estudo, Macherey já havia redigido seu mestrado, orientado por Canguilhem, com o título: *Philosophie et politique chez Spinoza*. Canguilhem, numa entrevista, enaltecerá os estudos de Macherey sobre Spinoza (2018 [1995], p. 1290).

25 A tradução desse opúsculo por Roger Kempf, com introdução e notas, foi dirigida por Canguilhem, que prefaciou sua publicação em 1949. Sobre a influência deste ensaio no conceito de “valor negativo” em Canguilhem, ver também: LE BLANC (2002, p. 175n). Para uma discussão sobre o conceito de “negativo” em Kant, ver sobretudo: LEBRUN (2002 [1970], p. 251-283).

valores negativos que se poderia encontrar a raiz da noção de polarização em Canguilhem, herdada de Kant através da *Wertphilosophie*, mas reconfigurada de um modo original<sup>26</sup>.

Pois, como ele dirá mais à frente, “A realidade é única, mas os valores são múltiplos” (CANGUILHEM, 2018 [1972], p. 552). Isso concerne menos a um vitalismo essencialista do que ao que Camille Limoges denominou como um *vitalismo crítico*, como vimos. Com efeito, Canguilhem anuncia, já na “Introdução ao problema” que abre o *Essai*, haver uma *descontinuidade histórica* entre duas teorias rivais a respeito da distinção entre os estados *normal* e *patológico*. *Primeiramente*, denuncia-se a teoria triunfante como de *menor valor* segundo a perspectiva do vivente humano do que a teoria hoje esquecida. *Em segundo lugar*, apresenta-se a genealogia dessa teoria triunfante, o que tem por objetivo demonstrar sob que condições ela pôde trinar. *Por fim*, ele apresenta a perspectiva valorativa que poderá julgar depreciativamente essa teoria e imporá como exigência, em seu lugar, o restabelecimento da distinção qualitativa entre *normal* e *patológico*, e é em atenção ao conceito de *saúde* que se realizará tal avaliação, pois a *saúde* é a valoração em grau máximo da perspectiva de um vivente.

Há razões políticas para o triunfo da teoria moderna (essa que foi estabelecida por Broussais e herdada por Comte, Claude Bernard e René Leriche e que não reconhece a originalidade qualitativa das patologias), razões que Canguilhem não se propõe a analisar diretamente nesta obra, dizendo que “[a] história das ideias não pode ser necessariamente superposta à história das ciências” (CANGUILHEM, 1984 [1943], p. 16). No entanto, ele logo completa: “já que os cientistas, como homens, vivem sua vida em um ambiente e em um meio que não são exclusivamente científicos, a história das ciências

---

26 Uma leitura em sentido contrário, mais próxima de Dagognet, a quem ela se reporta, foi oferecida recentemente por Vladimir Safatle, que empresta a Canguilhem os conceitos de *errância*, *valor negativo* e *normatividade vital* como armas contra o que denomina como um “esvaziamento ontológico da vida”, propondo com isso uma alternativa à concepção de política foucaultiana para quem, segundo o autor, “o biológico, ao menos no interior de uma problemática política, deve aparecer necessariamente como aquilo que não tem fundamento que lhe seja próprio” (SAFATLE, 2016, p. 285). Ao contrário de Foucault, Canguilhem teria mostrado “que o conceito de vida [é] dotado de potência produtiva autônoma do ponto de vista ontológico” (SAFATLE, 2016, p. 288n). Muito embora discordemos, pelo acima exposto, dessa leitura ontológica do conceito de vida em Canguilhem, consideramos os resultados que essa obra atinge como dos mais relevantes à discussão atual no terreno de uma teoria crítica da sociedade, pelo diagnóstico que faz das sociedades contemporâneas como formas de *gestão de patologias*, o que nos forçaria a um debate produtivo especialmente por colocar em questão a relação de Canguilhem com as obras de Freud e de Hegel, autores aos quais o autor de *Le normal et le pathologique* nunca deixou de se reportar. A Freud, por sua compreensão da vida como *resistência* à entropia; a Hegel pela ideia de *totalidade*, que nunca será abandonado por Canguilhem.

não pode negligenciar a história das ideias” (CANGUILHEM, 1984 [1943], p. 16). A conversão dessa máxima em axioma geral será realizada duas décadas depois, quando Canguilhem propuser o conceito de “ideologia científica” e que ele mesmo cuidará em mostrar já ter-se ocupado em descrever no *Essai*. Aqui, Canguilhem ainda se contenta em apresentar sua tese a respeito da superioridade axiológica de uma certa concepção de doença sobre outra, demonstrando haver, para além da circunscrição desse problema, razões e motivações políticas que ele analisará melhor noutras ocasiões.

Já na segunda parte do *Essai*, terá lugar um outro problema, resultante do primeiro. Uma vez tendo triunfado certa concepção de doença que a iguala ao estado normal, apresentando-a como mera variação quantitativa desse estado, isso trouxe consequências para o desenvolvimento da medicina em exercício, que passou a se apoiar sobre essa concepção de doença. Assim Canguilhem conclui a posição do segundo problema que propõe discutir no *Essai*: “E trata-se de saber se, assim, a medicina não estaria retomando da fisiologia o que ela própria lhe havia dado” (CANGUILHEM, 1984 [1943], p. 75). Isso ocorre pelo fato de o conceito de normal que a medicina busca estabelecer não poder ser fornecido por ela, e os médicos o devem buscar em três instâncias com origem e características distintas, predominando a primeira: 1) a própria fisiologia (ciência do organismo em seu estado normal); 2) a “experiência vivida das funções orgânicas” (CANGUILHEM, 1984 [1943], p. 75) pelos próprios médicos; 3) “[a] representação comum da norma em um meio social em dado momento” (CANGUILHEM, 1984 [1943], p. 75). Donde deriva uma concepção híbrida de normal que norteia a atividade médica, compondo-se tanto de uma classificação do normal como “média”, quanto como “ideal”. Assim, estabelece-se o primado da estatística (com sentido descritivo), por um lado, e da terapêutica (com sentido normativo), por outro.

Eis o problema com que o *Essai* se defrontará, nessa segunda parte, tentando auxiliar na construção de uma medicina que se liberte dos modelos estatísticos que identificam o normal com a média, o que busca fazer insistindo sobre o deslocamento da noção de vida como um *fato* para a noção de vida como *valor*, como se extrai da seguinte afirmação: “a vida não é um objeto, é uma atividade polarizada [...], esforço espontâneo de defesa e de luta contra tudo que é valor negativo” (CANGUILHEM, 1984 [1943], p. 81). Canguilhem proporá, assim, sua concepção de normatividade vital como insubmissão do organismo ao meio, como instauração de normas, afirmando o primado dos valores negativos como necessários à polarização que se efetiva na relação com o meio e que propicia, como resultado, a criação de novas normas. Logo, o

conceito científico de vida que a fisiologia formula, para Canguilhem, deve ser axiológico, definindo-se em termos de capacidade *normativa*: “Parece-nos que a fisiologia tem mais a fazer do que procurar definir objetivamente o normal: deve reconhecer a normatividade original da vida” (CANGUILHEM, 1984 [1943], p. 116). A saúde, por sua vez, será o fim a ser conquistado pelo vivente: “A saúde é uma maneira de abordar a existência com uma sensação não apenas de possuidor ou portador, mas também, se necessário, de criador de valor, de instaurador de normas vitais” (CANGUILHEM, 1984 [1943], p. 134).

Canguilhem definirá a fisiologia, então, já antecipando seu encontro posterior com Bachelard, como a “*ciência dos passos [allures] estabilizados da vida*” (CANGUILHEM, 1984 [1943], p. 137), para a qual os *obstáculos epistemológicos* passam a ser “*obstáculos patológicos*” (CANGUILHEM, 1984 [1943], p. 139) a serem superados. A medicina, por fim, será compreendida como técnica precedente à ciência fisiológica<sup>27</sup>, um *excesso* que o vivente cria em sua relação com o meio, inapreensível à ciência pelo entendimento, um prolongamento espontâneo e acidental da vida: uma espécie muito particular de “erro”. Apresentando como sendo um dever a reflexão sobre a medicina que queira levar em conta o restabelecimento da saúde como ideal de vida, tarefa do que ele um dia denominará como uma *Crítica da razão médica prática*<sup>28</sup> – resguardado esteja seu papel reflexivo perante a *técnica* (que lhe precede), perante a *prática médica* em si (que é o seu fim) e perante a *ciência fisiológica* (cuja legitimidade de exercício sobre os fenômenos vitais é garantida, assim como também sua irredutibilidade à reflexão filosófica) –, Canguilhem submete sua finalidade a uma determinada *ação* (a da terapêutica visando a cura) que deve também, por sua vez, ser instruída por uma *pedagogia da cura*<sup>29</sup>.

Ocorre, contudo, como viram alguns comentadores como Frédéric Worms, por exemplo, que a *saúde*, que passa a ter um valor teleológico (diríamos

---

27 “[A] fisiologia foi precedida por uma medicina clínica e terapêutica” (CANGUILHEM, 1984 [1943], p. 139).

28 “Mas parece ter chegado o tempo de uma *Crítica da razão médica prática* que reconheceria explicitamente, no teste de cura [épreuve de guérison], a necessária colaboração do saber experimental com o não-saber propulsivo desse *a priori* de oposição à lei da degradação, do qual a saúde exprime um sucesso sempre reposto em causa” (CANGUILHEM, 2018 [1978b], p. 813). Não há como negar o vocabulário kantiano dessa formulação, bem como a mudança de inflexão que nele provoca Canguilhem ao fazer do *telos* da *Crítica*, não a autonomia do *sujeito*, mas a saúde do *vivente*.

29 Temos em mente o texto “É possível uma pedagogia da cura?” (CANGUILHEM, 2018 [1978b], p. 797-819), de onde extraímos o excerto citado na nota anterior. Sobre este assunto, ver também o artigo seminal sobre “O estatuto epistemológico da medicina” (CANGUILHEM, 2002 [1985], p. 413-428).

melhor teleonômico, utilizando um conceito que será introduzido pelos geneticistas na década seguinte) nesse pensamento, é indissociável de uma experiência subjetiva, a do vivente que sofre, que se angustia, que deseja ser curado. Evidentemente, todas essas figuras comuns ao existencialismo tanto em sua vertente alemã, como em Scheler ou Jaspers, que também foi psicopatologista, quanto na vertente francesa que terá em Sartre seu principal expoente, estão presentes no *Essai* de Canguilhem, que pode encontrar sua finalidade no restabelecimento à medicina de um compromisso com a “existência”, o que nos levaria a uma interpretação humanista dessa obra. No entanto, Canguilhem não interpreta esse questionamento como inerente ao problema da *existência*, tão somente por não haver uma distinção nem ontológica, nem fenomenológica entre o vivente humano e os demais viventes. Estando a faculdade do *juízo*, não no sujeito, mas no vivente, indaga Canguilhem, “por que recusaríamos o juízo mesmo a uma ameba ou a um vegetal?” (CANGUILHEM, *apud* LIMOGES, 2018, p. 35).<sup>30</sup> E, em seguida, conclui:

*Por toda parte onde há vida [...] há discernimento e escolha e, portanto, há juízo. Como a consciência relativa de que o homem desfruta permite a ele construir uma teoria do juízo, isso não significa que o poder de julgar começa com ele e é negado ao outro que não ele mesmo (Ibid., p. 35).*

Assim, se a reflexão filosófica, em Canguilhem, encontra os problemas do humanismo, e ainda que possa ter feito disso um dos motes principais de seu pensamento, é para reformulá-los profundamente. O maior exemplo dessa reformulação nós o encontraremos no modo como Canguilhem interpreta as relações entre medicina somática e medicina psíquica. Por quase toda a sua obra, observamos um tratamento privilegiado a respeito do estatuto epistemológico do par psiquiatria-psicologia. No *Essai*, notadamente, há uma longa passagem em que é abordada essa área do pensamento médico, com menções elogiosas aos nomes de psiquiatras como Blondel, Minkowski e D. Lagache, que teriam rompido com o princípio estabelecido por Ribot, para quem não haveria diferença de natureza entre os estados psíquicos normal e patológico: “Segundo Ribot”, define Canguilhem, “a doença – substituto espontâneo e metodologicamente equivalente da experimentação – atinge o inacessível, mas respeita a natureza dos elementos normais nos quais ela decompõe as funções psíquicas” (*Ibid.*, p. 72). Do que se conclui, consoante ao que ocorria com o

---

30 Trata-se essa citação de uma nota inédita.

“princípio de Broussais” na fisiologia: “A doença desorganiza mas não transforma, revela sem alterar” (*Ibid.*, p. 72). Lagache, por sua vez, ao ler no *Essai* que sua psiquiatria era elogiada por distinguir-se qualitativamente daquela teorizada por Ribot, uma vez que saberia marcar a “originalidade do patológico” (*Ibid.*, p. 73), pôde por bem pensar que Canguilhem fazia uma apoteose à clínica (isso era, para Lagache, o essencial do *Essai*)<sup>31</sup>. E Lagache chegou a reduzir a originalidade das teses avançadas por Canguilhem nessa obra, para ele quase todas retiradas à *Gestalt-terapia* adotada por Goldstein. Em suma, Lagache descrevia a obra de Canguilhem como uma “antropologia fenomenológica e existencial desenvolvendo-se no mundo” (LAGACHE, 1946, p. 455), insistindo que, através de Goldstein, Canguilhem “devia muito mais à psicologia do que supunha ou disse explicitamente” (*Ibid.*, p. 1946, p. 455).

Ora, é a incursão ao domínio psicológico realizada no *Essai* que aparece como efeito de uma preocupação vitalista, e não o inverso. Assim, seu recurso à obra de Goldstein, por exemplo, não se faz sem mudanças em alguns princípios da *Gestalt-terapia* adotados por um de seus principais expoentes. Os valores que norteiam toda a evolução do *Essai*, como conclui J.-F. Braunschtein, na sequência, são “valores vitais, e não valores psicológicos” (1999, p. 183), interpretando como uma resposta a Lagache a célebre conferência que Canguilhem proferirá, na década seguinte: “Qu’est-ce que la psychologie?” (1956). Os empréstimos que Canguilhem fará à psiquiatria no *Essai* seriam apenas para mostrar como uma teoria biológica comanda as teorias psicológicas, já que um sujeito que se sente doente e procura um médico, por exemplo, nada mais faz do que prolongar sua individualidade vital na direção de uma técnica que emerge, por sua vez, igualmente de um acidente ou de um excesso da vida, como notamos acima. É o que também observa G. Le Blanc: “Canguilhem converte a heterogeneidade psíquica do normal e do patológico em heterogeneidade somática. [...] A forma subjetiva emerge na consciência do conflito dos valores de vida” (LE BLANC, 2002, p. 83 e 109).

## Conclusão

Assim, buscamos afastar Canguilhem das leituras que o assimilam a uma fenomenologia – como a de Dagognet, por exemplo – ou que reduzem o alcance de sua filosofia a uma mera apropriação dos resultados da psicologia

---

31 Cf. LAGACHE (1945).

clínica – como no caso de Daniel Lagache. Servindo-nos dos comentários de Camille Limoges, de Jean-François Braunstein e de Guillaume Le Blanc, entre outros, buscamos avançar a tese de que há em Canguilhem uma reformulação do empreendimento *crítico*, no sentido específico que o termo assumiu em filosofia com a obra de Kant. Compreendemos que a incursão feita por Canguilhem a essa matéria *estranha* à filosofia que é a medicina não se fez apenas para validar uma antiga intuição, que também não pode, ainda menos, encontrar sua *condição suficiente* na passagem, que de fato ocorreu (*condição necessária*) num contexto situado entre dois momentos da filosofia francesa contemporânea ou na transição entre duas gerações de intelectuais franceses. Trata-se, antes, da formulação de uma filosofia axiológica profundamente inovadora que prolonga a tarefa da filosofia crítica de um modo inesperado, substituindo o sujeito transcendental pela figura do *vivente*, com o objetivo de completar o giro copernicano que, segundo Canguilhem, ainda se mostrara inefetivo em Kant. Isso porque, em Kant, a *Revolução* no âmbito do conhecimento ainda era pensada de um modo metafísico, isto é, pré-fisiológico ou pré-biológico. A verdadeira *Revolução copernicana fisiológica* só pôde ter sido lograda com a inversão da relação entre *vivente* e *meio*, que recoloca o problema da relação entre sujeito e objeto e realiza uma transvaloração dos valores ao *valorar* (mais do que compreender) a vida como um valor a coordenar os demais. Neste sentido, se é verdade, como afirma Le Blanc, que Canguilhem estabeleceu para si o projeto de uma reformulação do estatuto do homem na filosofia<sup>32</sup>, os resultados que sua reflexão atingiu também acabam por recolocar a questão sobre *o que é pensar para além do homem*.<sup>33</sup>

---

32 Parece-nos ser esse o objeto do segundo livro que Guillaume Le Blanc dedicou a Canguilhem. A tese de Le Blanc é a de que Canguilhem quer reformar a antropologia a partir da biologia, destronando o homem de uma condição naturalmente superior, e situando-o no mesmo nível dos demais seres viventes. A medicina, por sua vez, sendo ela uma técnica, coloca-se a serviço da instauração de novas normas vitais, o que a torna normativa. O motivo pela recorrência de Canguilhem a Comte deveria ser encontrado na busca por uma via diversa daquela sociológica de Durkheim e seus seguidores. Canguilhem quer mostrar que a potência de Comte estaria em sua biologia – e não em sua sociologia – à qual se deveria voltar a fim de repensar o homem enquanto criação de valores, segundo a máxima: valorar é singularizar, é individuar: “A vida não é mais a origem da antropologia, mas uma perspectiva singular tornada pensável pelo fato de que o homem afirma, em suas atividades, uma vida social particular, um passo [*allure*] da vida singular” (LE BLANC, p. 18). O mesmo autor já havia publicado *Canguilhem et les normes* (1998), que tem o mérito de oferecer uma introdução aos principais temas de *Le normal et le pathologique*.

33 É numa conferência de 1980 que Canguilhem lança de modo mais direto essa questão: “O que chamamos ‘pensar’? Embora, de acordo com as mundanidades filosóficas, a questão tenha uma ressonância heideggeriana...” (CANGUILHEM, 2018 [1980], p. 911).

## Referências

- BARBARAS, Renaud [2008] *Introduction à une phénoménologie de la vie*. Paris: Vrin, 2008.
- BIANCO, Giuseppe [2012] “Pacifisme et théorie des passions: Alain et Canguilhem”. IN: MURAT, Michel; WORMS, Frédéric. *Alain, littérature et philosophie mêlées*. Paris: Éditions rue d’Ulm / Presses de l’École Normale Supérieure, 2012, p. 129-150.
- BIMBENET, Étienne [2004] *Nature et humanité: le problème anthropologique dans l’œuvre de Merleau-Ponty*. Paris: Vrin, 2004.
- BIMBENET, Étienne [2011] *L’animal que je ne suis plus*. Paris: Gallimard, 2011.
- BRAUNSTEIN, Jean-François [1999] “La critique canguilhemienne de la psychologie”. IN: *Bulletin de psychologie*, tome 52 (2), 440, mars-avril 1999, p. 181-190.
- CANGUILHEM, Georges [1929] “À la gloire d’Hippocrate, père du tempérament”. IN: CANGUILHEM, Georges [2011] *Œuvres Complètes, vol. I: écrits philosophiques et politiques, 1926-1939*. Paris: Vrin, 2011, p. 248-251.
- CANGUILHEM, Georges [1943] *Le normal et le pathologique* [titulo original: *Essai sur quelques problèmes concernant le normal et le pathologique*]. 5ª ed. Paris: PUF, 1984.
- CANGUILHEM, Georges [1946] “Aspects du vitalisme”. IN: *La connaissance de la vie*. 2ª ed. Paris: Vrin, p. 83-100.
- CANGUILHEM, Georges [1949] “Préface à Kant”. IN: CANGUILHEM, Georges [2015] *Œuvres Complètes, vol. IV: résistance, philosophie biologique et histoire des sciences (1940-1965)*. Paris: Vrin, 2015, p. 361-363.
- CANGUILHEM, Georges [1955] “Soutenance de thèse en Sorbonne”, *L’Éducation nationale*, 11e année, n° 18, 19 de maio de 1955, *apud* LIMOGES, Camille [2018] “Introduction”. IN: CANGUILHEM, Georges [2018] *Œuvres Complètes, vol. V: histoire des sciences, épistémologie, commémorations (1966-1995)*. Paris: Vrin, 2018, p. 24n.
- CANGUILHEM, Georges [1956] “La pensée de René Leriche”. IN: CANGUILHEM, Georges [2015] *Œuvres Complètes, vol. IV: résistance, philosophie biologique et histoire des sciences (1940-1965)*. Paris: Vrin, 2015, p. 721.
- Canguilhem, Georges *et al* [1962] *Du développement à l’évolution au XIXe siècle*. 3ª ed. Paris: PUF: 2003.
- CANGUILHEM, Georges [1965] “La monstruosité et le monstrueux”. IN: CANGUILHEM, Georges [1952] *La connaissance de la vie*. 2ª ed. Paris: Vrin, 2009.
- CANGUILHEM, Georges [1966] “Le concept et la vie”. IN: CANGUILHEM, Georges [1968] *Études d’histoire et de philosophie des sciences concernant les vivants et la vie*. 7ª ed. Paris: Vrin, 2002, p. 335-364.
- CANGUILHEM, Georges [1966] “Du social au vital”. IN: \_\_\_\_\_. *Le normal et le pathologique*. 5ª ed. Paris: PUF, 1984, p. 175-191.
- CANGUILHEM, Georges [1967] “Du concept scientifique à la réflexion philosophique”. IN: CANGUILHEM, Georges [2018] *Œuvres Complètes, vol. V: histoire des sciences, épistémologie, commémorations (1966-1995)*. Paris: Vrin, 2018, p. 116.
- CANGUILHEM, Georges [1968] “Théorie et technique de l’expérimentation chez

- Claude Bernard”. IN: CANGUILHEM, Georges [1968] *Études d'histoire et de philosophie des sciences concernant les vivants et la vie*. 7<sup>a</sup> ed. Paris: Vrin, 2002, p. 146.
- CANGUILHEM [1972] “Régulation (épistémologie)”. IN: CANGUILHEM, Georges [2018] *œuvres Complètes, vol. V: histoire des sciences, épistémologie, commémorations (1966-1995)*. Paris: Vrin, 2018, p. 552.
- CANGUILHEM, Georges [1977] *Ideologie et rationalité dans l'histoire des sciences de la vie*. Paris: Vrin, 1977.
- CANGUILHEM, Georges [1978a] “Puissance et limites de la rationalité en médecine”. IN: CANGUILHEM, Georges [1968] *Études d'histoire et de philosophie des sciences concernant les vivants et la vie*. 7<sup>a</sup> ed. Paris: Vrin, 2002, p. 408.
- CANGUILHEM, Georges [1978b] “Une pédagogie de la guérison est-elle possible?”. IN: CANGUILHEM, Georges [2018] *œuvres Complètes, vol. V: histoire des sciences, épistémologie, commémorations (1966-1995)*. Paris: Vrin, 2018, p. 797-819.
- CANGUILHEM, Georges [1980] “La cerveau et la pensée”. IN: CANGUILHEM, Georges [2018] *œuvres Complètes, vol. V: histoire des sciences, épistémologie, commémorations (1966-1995)*. Paris: Vrin, 2018, p. 911.
- CANGUILHEM, Georges [1985] “Le statut épistémologique de la médecine”. IN: IN: CANGUILHEM, Georges [1968] *Études d'histoire et de philosophie des sciences concernant les vivants et la vie*. 7<sup>a</sup> ed. Paris: Vrin, 2002, p. 413-428.
- CANGUILHEM, Georges [1987] “Discours de réception de la médaille d'or du CNRS”. IN: CANGUILHEM, Georges [2018] *œuvres Complètes, vol. V: histoire des sciences, épistémologie, commémorations (1966-1995)*. Paris: Vrin, 2018, p. 1109.
- CANGUILHEM, Georges [1995] “Entretien de Canguilhem”. IN: CANGUILHEM, Georges [2018] *œuvres Complètes, vol. V: histoire des sciences, épistémologie, commémorations (1966-1995)*. Paris: Vrin, 2018, p. 1290.
- CANGUILHEM, Georges [1988]. “La santé: concept vulgaire et question philosophique”. IN: CANGUILHEM, Georges [2002] *Écrits sur la médecine*. Paris: Seuil, 2002.
- DAGOGNET, François [1990] “La problématique historique et la vie”. IN: BALIBAR, Étienne; CARDOT, Mireille; DUROUX, Françoise; FICHANT, Michel; LECOURT, Dominique; ROUBAUD, Jacques (org.) *Georges Canguilhem: philosophe, historien des sciences. Actes du colloque (6-7-8 décembre 1990)*. Paris: Albin Michel, 1993, p. 242-251.
- DAGOGNET, François [1997] *Georges Canguilhem: philosophie de la vie*. Le Plessis-Robinson: Synthélabo, 1997.
- DIEZ, Iván Moya [2013] *Philosophie des valeurs et normativité vitale chez Georges Canguilhem*. Dissertação de Mestrado. Paris: Sorbonne-Panthéon Paris I, 2013.
- KANT, Immanuel [1763] *Essai pour introduire en philosophie le concept de grandeur négative*. Tradução francesa Roger Kempf. Prefácio de Georges Canguilhem. 2a ed. Paris: Vrin, 1997.
- LAGACHE, Daniel [1945] “Le normal et la pathologique d'après Georges Canguilhem”. IN: *Œuvres*, t. II, 1947-1952. Paris, PUF, 1979, p. 439-456.
- LE BLANC, Guillaume [1998] *Canguilhem et les normes*. Paris: PUF, 1998.

- LE BLANC, Guillaume [2002] *La vie humaine: anthropologie et biologie chez Georges Canguilhem*. Paris: PUF, 2002.
- LEBRUN, Gérard [1970] *Kant e o fim da metafísica*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- LIMOGES, Camille [2015] “Introduction: Philosophie biologique, histoire des sciences et interventions philosophiques: Georges Canguilhem 1940-1965”. IN: \_\_\_\_\_. [2015] *œuvres Complètes, vol. IV: résistance, philosophie biologique et histoire des sciences (1940-1965)*. Paris: Vrin, 2015, p. 7-48.
- LIMOGES, Camille. [2018] “Introduction: La confirmation de l'historien des sciences et la mise à l'épreuve de sa philosophie biologique: Georges Canguilhem 1966-1995”. IN: \_\_\_\_\_. *œuvres Complètes, vol. V: Histoire des sciences, épistémologie, commémorations (1966-1995)*. Paris: Vrin, 2018, p. 7-60.
- MACHEREY, Pierre [1979] *Hegel ou Spinoza*. 2a ed. Paris: La Découverte, 1990.
- MACHEREY, Pierre [2016] “Canguilhem et l'idée de milieu”. Exposé présenté au colloque « Georges Canguilhem. Science, technique, politique : perspectives actuelles ». Liège, 22 avril 2016. [Disponível em <https://philolarge.hypotheses.org/1737>, acesso em 20/08/2018]
- MERLEAU-PONTY, Maurice [1942] *La structure du comportement*. 6a ed. Paris: PUF 1967.
- RAMOS, Silvana de Souza [2013] *A prosa de Dora: uma leitura da articulação entre natureza e cultura na filosofia de Merleau-Ponty*. São Paulo: Edusp, 2013.
- ROTH, Xavier [2010] *Georges Canguilhem et l'école française de l'activité* [publicada posteriormente como *Georges Canguilhem et l'unité de l'expérience*. Paris: Vrin, 2013]. Tese de Doutorado. Université du Québec, 2010.
- SAFATLE, Vladimir [2015] *O circuito dos afetos*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- SÉRIS, Jean-Pierre [1990] “L'histoire et la vie”. IN: BALIBAR, Étienne; CARDOT, Mireille; DUROUX, Françoise; FICHANT, Michel; LECOURT, Dominique; ROUBAUD, Jacques (org.) *Georges Canguilhem: philosophe, historien des sciences. Actes du colloque (6-7-8 décembre 1990)*. Paris: Albin Michel, 1993, p. 89-103.
- Vázquez García, F. [2015] “Canguilhem, Foucault y la ontología política del vitalismo”. *Logos: Anales del Seminario de Metafísica*, 48. [Disponível em: <https://rodin.uca.es/handle/10498/17747>; acesso em 11/04/2021].